

DOSTOIÉVSKI EM TRÊS NOVELAS DE JUVENTUDE*

RENATO M. PERISSINOTTO

RESUMO

Este artigo analisa três novelas de juventude escritas por Fiódor Dostoiévski: *Pobre gente*, *O duplo* e *Coração frágil*. O texto tem dois objetivos fundamentais: primeiro, recusar a tese de que o autor russo, proverbial analista da alma humana, teria se despreocupado com os condicionantes sociais da ação dos seus personagens; em segundo lugar, pretende-se defender que a sociedade se faz presente nesses escritos por meio de uma “intuição sociológica” que Dostoiévski opera quando analisa os baixos funcionários da Rússia do século XIX. O texto está dividido em três partes: na primeira, descrevo a estrutura estatal da sociedade russa no século XIX; na segunda, apresento a descrição das condições de vida dos personagens e, por fim, analiso a forma pela qual o autor russo apresenta as interações sociais em que eles estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: *Dostoiévski; novelas; burocracia russa; intuição sociológica.*

ABSTRACT

The article analyses three novels by Fiodor Dostoevski: *Poor people*, *The double* and *A faint heart*. The article has two purposes: firstly, it refuses the usual thesis according to which the Russian author, a proverbial analyst of human soul, would be unconcerned about the social constraints on the action of his personages; secondly, it defends that these social constraints are present in his writings as a “sociological intuition” operated by Dostoevski when he analyses the rank-and-file officials of the Russian bureaucracy in the XIXth century. The text is divided in three parts: the first one describes the state structure of Russian society in the XIXth century; the second part describes the life conditions of the personages and, at last, the third part analyzes the way the Russian author presents the social interaction in which they are inserted.

KEYWORDS: *Dostoevski; novels; russian bureaucracy; sociological intuition.*

[*] Agradeço a Boris Schnaiderman e Fernando Gil pelos comentários e sugestões.

Com alguma frequência, os estudiosos da literatura interessam-se pela perspicácia sociológica de romancistas consagrados. Raymundo Faoro e Roberto Schwarz procuraram captar os traços da sociedade escravista nas obras de Machado de Assis; Karl Marx admirava a síntese balzaquiana da sociedade burguesa da França do século XIX; George Steiner mostrou como o mundo rural russo ocupava lugar central na teologia tolstoiana. Os exemplos são inúmeros.

Seria possível fazer o mesmo com as obras de Fiódor Dostoiévski? A pergunta é pertinente, pois uma das mais importantes análises críticas da obra deste escritor defende categoricamente a tese de que Dostoiévski jamais reduziu seus personagens a “um fenômeno da realidade, dotado de traços típico-sociais”¹. O próprio diálogo crítico de Dostoiévski com o “ensaio fisiológico”² russo, lembra-nos Joseph Frank, é a expressão de uma recusa em reduzir seus personagens a simples epifenômenos de suas posições sociais, defendendo, ao contrário, a importância da singularidade e da complexidade psicológica dos indivíduos³. Desse modo, encontramos no autor russo “o incomparável dom para o retrato psicológico”, que, ainda segundo Frank, revela-se desde a sua primeira obra⁴.

Mas seria correto afirmar, como faz um crítico brasileiro, que, em função dessas características da literatura de Dostoiévski, a sociedade simplesmente não existe na obra deste autor⁵? Creio que não. Na literatura crítica sobre Dostoiévski encontramos, salvo engano, duas maneiras de ver a presença da sociedade em sua obra. Primeiramente, o conteúdo dos escritos dostoiévskianos expressaria as condições sociais e ideológicas da Rússia do século XIX. Dessa forma, temas candentes do período, como, por exemplo, a situação dos camponeses, a radicalização das idéias políticas, o ateísmo, a oposição entre Ocidente e Oriente seriam centrais em seus romances e novelas⁶. Em segundo lugar, a sociedade far-se-ia presente nas obras de Dostoiévski por meio do caráter dialógico e polifônico dos seus romances. Segundo Bakhtin, o desenvolvimento desigual do capitalismo russo não dissolveu completamente os grupos sociais do antigo regime, gerando um conflito cada vez maior entre o novo — o capitalismo com seus traços ocidentais — e o velho — as orientações eslavófilas da tradicional sociedade russa. A multiplicidade de planos e a contradição permanente que caracterizam os romances de Dostoiévski seriam, na verdade, atributos do universo social em que ele viveu. Enfim, “a própria época tornou possível o romance polifônico”⁷.

Neste artigo, proponho uma interpretação alternativa acerca da presença da sociedade nos escritos de Dostoiévski, mais especificamente em três novelas de juventude: *Pobre gente*, *Oduplo* e *Coração frágil*. Defendo que a sociedade se faz presente nessas três novelas não pela via temática, nem pela via da determinação social da técnica literária, mas por meio de uma “intuição sociológica” revelada por Dostoiévski quando ele escreve acerca do baixo funcionário russo do século XIX. Esta intuição, no entanto, não se expressa por meio da descrição dos atributos objetivos dos personagens (roupa, renda ou moradia), aliás, sempre muito sucinta nas obras do autor russo, mas sim por meio de uma impressionante habilidade de construir literariamen-

[1] Bakhtin, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 46.

[2] Esses ensaios dedicavam-se a fazer descrições ultra-realistas das condições sociais (os chamados “daguerreótipos sociais”), pintando em cores dramáticas as condições precárias de vida de trabalhadores e camponeses. Com muita frequência, os autores dos ensaios fisiológicos derivavam a personalidade moral de seus personagens diretamente do meio social que descreviam.

[3] Frank, Joseph. *Dostoiévski: as sementes da revolta (1821 a 1849)*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 194.

[4] Idem. *Pelo prisma russo*. São Paulo: Edusp, 1990, p. 142.

[5] Segundo Wilson Martins, “fundamentando toda a sua obra na discussão metafísica do problema da liberdade [...] não existia a sociedade, como não existiu a paisagem em Dostoiévski”. “Dostoiévski como romancista”. In: *Obras completas (ficção) e ilustradas de F.M. Dostoiévski* (vol. *O Eterno marido e várias novelas*). Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p. xiii. Ver também, Chostakowsky, Paulo. *História da literatura russa*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948, pp. 227-28.

[6] Ver, por exemplo, Steiner, George. *Tolstói ou Dostoiévski: um ensaio sobre o velho criticismo*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. xv; Howe, Irving. *A política e o romance*. São Paulo: Perspectiva, 1998, cap. 3.

[7] Bakhtin, op. cit., p. 27.

[8] Entendido como um “sistema de disposições duráveis”, um “estado habitual” gerador de uma *hexis* corporal, e que define formas de agir razoavelmente previsíveis. Cf. Bourdieu. “Os três modos de conhecimento”. In: *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983, col. Grandes Cientistas Sociais, nº 39.

te o *habitus*⁸ dos personagens em movimento. Os protagonistas das três novelas são apresentados ao leitor como agentes portadores de um conhecimento tácito do mundo em que vivem, conhecimento este que chega ao leitor não por meio de uma descrição objetivada dos “valores” do personagem, mas como categorias mentais efetivamente utilizadas por eles no momento em que interagem com outros atores sociais.

Para realizar a análise das três novelas em questão, divido o presente texto em três partes. Na primeira, descrevo rapidamente os traços fundamentais da organização do Estado russo no século XIX, com o objetivo de apresentar ao leitor o mundo em que viviam os personagens criados pelo autor russo; na segunda parte, descrevo rapidamente como Dostoiévski situa seus personagens nesse mundo; por fim, na terceira parte, identifico e analiso os momentos em que Dostoiévski coloca em prática a sua intuição sociológica. Pretendo enfatizar que essa intuição não opera por meio de uma simples descrição dos aspectos essenciais do contexto social, tais como a renda, o tipo de roupa ou as características das habitações, mas sim identificando o comportamento, a ação e a *hexis* corporal de seus personagens diante de pessoas de outra posição social, notadamente os superiores funcionais. Como se verá, o *habitus* do baixo funcionário russo só se define por meio de sua relação com indivíduos de posições sociais superiores. Nesse sentido, a intuição sociológica de Dostoiévski revela uma visão claramente relacional da vida social, que, aliás, condiz perfeitamente com o caráter dialógico e polifônico dos seus romances de maturidade.

A ESTRUTURA BUROCRÁTICA DA RÚSSIA DO SÉCULO XIX

Em quatro de fevereiro de 1722, como parte de seu projeto de modernização da sociedade russa, Pedro I criou o sistema de postos burocráticos⁹ e militares para o Estado russo, conhecido como *Tchin* (quadro de posições). Inicialmente, o *Tchin* definia quatorze classes de cargos, com diversas posições dentro de cada uma. Apesar de algumas modificações (por exemplo, no século XIX passou a ter doze classes), esta estrutura funcional permaneceu até 1917.

Segundo Walter Pintner, os cargos mais altos abarcavam as classes de um a cinco; as posições médias eram formadas pelas classes de seis a oito, e as posições mais baixas, pelas classes de nove a quatorze¹⁰. Para essas posições existiam diferentes formas de tratamento. Os ocupantes das duas posições mais altas deveriam ser chamados de “Sua Alta Excelência”; os que ocupavam as posições três e quatro deveriam ser tratados por “Sua Excelência”; os ocupantes das posições inferiores deveriam ser chamados “Honrado”. Os personagens de Dostoiévski são, na sua maioria, todos ocupantes da posição nove,

[9] O termo “burocracia” é utilizado aqui como mero sinônimo de hierarquia funcional. Como se verá adiante, o Estado russo no século XIX tinha muito pouco dos traços típicos daquilo que a sociologia convencional chamar de “burocracia”.

[10] Pintner, Walter M. “The evolution of civil officialdom, 1755-1855”. In: Pintner, W. M. e Rowney, D. K. (eds.), *Russian officialdom: the bureaucratization of Russian society from the Seventeenth to the Twentieth century*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1980, p. 195.

isto é, são “conselheiros titulares” e, como veremos adiante, referem-se ao seu superior como “Sua Excelência”¹¹. Na prática, a posição um era exclusiva do Ministro das Relações Exteriores; a posição onze nunca foi usada e a posição treze, raramente. Ou seja, a posição nove, os conselheiros titulares, era de fato uma posição muito baixa na hierarquia burocrática, pois abaixo dela só funcionavam efetivamente as posições dez, doze e quatorze¹².

Segundo Pintner, essa estrutura de cargo foi criada fundamentalmente para prover recompensas não monetárias para os estratos mais altos da sociedade russa, criando-se uma hierarquia cada vez mais rígida à medida que se subia na escala. Por exemplo, inicialmente, a posição que, uma vez atingida, concedia ao ocupante o título de nobreza era a posição oito. Em 1845, esse nível foi elevado para a posição cinco e, em 1856, para a posição quatro. Evidentemente, o objetivo era restringir a entrada de não-nobres nos postos mais altos.

Desse modo, ainda no século XVIII, no topo da hierarquia, 90% dos funcionários eram filhos de nobre; ao contrário, nos postos mais baixos, a maioria era de filhos de escriturários e copistas da burocracia civil. Segundo o mesmo autor, a origem social dos servidores civis não mudou muito entre 1750 e 1850¹³. Essa situação criava um fosso intransponível entre baixos e altos funcionários da burocracia russa, fosso esse que não era definido apenas pelas diferenças hierárquicas, mas também por enormes diferenças sociais. Tais diferenças expressavam-se, como era de se esperar, em duas dimensões básicas: educação e renda.

Do ponto de vista educacional, é verdade que a Rússia passou por um processo de modernização do seu sistema de ensino desde o século XVIII. No entanto, as principais escolas do país, como o Liceu em Tsarskoe Selo e a Escola Imperial de Jurisprudência, eram abertas apenas aos nobres. Estes passaram cada vez mais a serem educados em escolas especializadas, em vez da tradicional educação caseira. Ao contrário, no caso dos baixos funcionários, a educação era precária e, não raro, encontravam-se nesse nível funcionários analfabetos¹⁴. A diferença de renda também era bastante grande¹⁵. Com relação à renda do baixo funcionário, Richard Pipes diz que o estado de miséria fazia da corrupção e da adulação ao superior um comportamento necessário. Segundo este autor, com muita frequência o Estado não pagava salários ou quando pagava era muito pouco e, por essa razão, os funcionários tinham que arrumar formas de garantir uma renda extra. Frequentemente, adotava-se a prática de adular os superiores ou intimidar os inferiores¹⁶. Essa condição econômica precária e suas consequências comportamentais são essenciais para entender a conduta dos personagens de Dostoiévski, como veremos a seguir.

No entanto, a distância entre os altos e os baixos funcionários da estrutura burocrática do Estado russo não expressava apenas uma

[11] Pipes, Richard. *Russia under the old regime*. Londres: Penguin Books, 1995, p. 286.

[12] Pintner. “Civil officialdom and the nobility in the 1850s”. In: Pintner e Rowney, op. cit., p. 230.

[13] Idem. “The evolution of civil officialdom, 1755-1855”, op. cit., pp. 194-96 e 204.

[14] Ibidem, p. 215, n. 2; Idem, “Civil officialdom and the nobility in the 1850s”, op. cit., pp. 230-32; Lincoln, W. Bruce. *In the vanguard of reform: Russia's enlightened bureaucrats, 1825-1861*. Illinois: Northern Illinois University Press, 1982, p. 11.

[15] Pintner, “Civil officialdom and the nobility in the 1850s”, op. cit., p. 243.

[16] Pipes, op. cit., p. 286. Segundo Lincoln, no século XIX, quase 90% dos funcionários ganhavam um salário que não dava nem mesmo para manter um modesto padrão de vida (cf. Lincoln, op. cit., pp. 19-20).

diferença de natureza material e educacional. Para além disso, a hierarquia da burocracia russa trazia as marcas das hierarquias sociais de uma sociedade rigidamente estratificada. Esse aspecto, como lembra Lincoln, foi aprofundado pelas decisões de Nicolau I, czar entre 1825 e 1855, período em que são escritas as novelas aqui analisadas. Segundo este autor, Nicolau I via a si mesmo como o “comandante” da Rússia e a seus ministros como meros ajudantes seus. Essa compreensão dos ministros como meros ajudantes estendeu-se para os escalões mais baixos da burocracia russa, isto é, para as relações entre os oficiais mais elevados e seus subordinados. A partir de então, houve uma proliferação de “agentes de comissões especiais” sob controle direto dos ministros ou de seus chefes de departamento subordinados. Esses agentes agiam como “extensão direta da autoridade de seus superiores. Dessa forma, durante esse período, “a administração central da Rússia era concebida para servir como uma extensão da vontade pessoal do soberano”¹⁷.

[17] Lincoln, op. cit., pp. 7-8, 27.

Assim, as relações de subordinação no interior da burocracia russa, apesar do avanço do quesito educacional, não se pautavam no mérito, típico atributo da burocracia moderna, mas na superioridade social. Nesse caso, quanto mais alto se encontrava o funcionário na hierarquia burocrática, mais próximo do chefe supremo, isto é, do czar, ele se situava. O baixo funcionário, portanto, não estava subordinado a um chefe “mais competente”, mas a um chefe socialmente superior porque localizado a uma distância social menor em relação ao czar. Isso talvez seja parte da explicação da subserviência renitente dos baixos funcionários russos, tão bem retratada por Dostoiévski¹⁸.

[18] Observe-se ainda que, segundo Lincoln, a intensa submissão da burocracia à vontade pessoal do czar, promovida por Nicolau I, gerou a produção sem fim de relatórios oficiais vindos de todas as partes da Rússia. Talvez não seja por outra razão que a profissão de copista tenha sido tão necessária nesta época e tão recorrente entre os personagens da literatura russa do século XIX (cf. Lincoln, op. cit., pp. 9-10).

O LUGAR OBJETIVO DOS PROTAGONISTAS

As descrições das condições objetivas de vida dos personagens principais de *Pobre gente*, *O duplo* e *Coração frágil* são sempre muito rápidas, mas, ao mesmo tempo, precisas o suficiente para que saibamos em que posição social se encontram¹⁹.

[19] Todas as referências foram retiradas das *Obras completas de Fiódor Dostoiévski* (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, vol. 1). A seguir coloco entre parênteses apenas o número da página em que se encontra a passagem descrita.

Em *Pobre gente* encontramos a mais extensa descrição das condições objetivas de vida do baixo funcionário russo. Makar Dievuchkin, o solitário e apaixonado conselheiro titular, mora numa pensão humilde, dividida em vários quartos nos quais “vivem juntas duas ou três pessoas que repartem o custo do aluguel entre si” (p. 165). A pensão é comandada por uma senhoria velha, suja, de chinelos e vestida com um roupão grosseiro. O quarto de Dievuchkin é, na verdade, um canto da cozinha separado do restante apenas por um biombo. O quarto cheira mal e compõe-se de uma cama, uma mesa, uma cômoda, duas cadeiras e uma imagem piedosa (p. 166). Sabemos que Dievuchkin teve que abandonar um quarto de 30 rublos por mês, pois pagando este valor

tinha que se privar de muita coisa, em especial do hábito de tomar chá. Morando no cantinho da cozinha, gastava com aluguel apenas sete rublos e meio, o que lhe permitia comprar o açúcar. Para ele, trata-se de uma economia importante, pois, como diz a Varvara, “não [se] faz idéia da vergonha que uma pessoa sofre quando não pode tomar chá” (p. 166). Aliás, a diferença social entre os moradores da pensão é mínima e se expressa, segundo o funcionário, entre os que podem e os que não podem tomar a tradicional bebida russa.

Durante toda a novela, o personagem veste-se com uma roupa manchada e puída. Dievuchkin é um funcionário de repartição, um copista que, com frequência, leva documentos para serem copiados em casa (p. 163). Ele reconhece humildemente “que não passa de um amanuense”, mas orgulha-se de copiar com elegância (p. 206)²⁰. A repartição onde trabalha é descrita como um lugar tristonho, onde tudo é sempre igual: “cinzento e insípido [...] as mesmas manchas de tinta, as mesmas mesas, os mesmos papéis” (p. 169). Dievuchkin ingressou na vida burocrática aos 19 anos de idade e encontra-se agora com 49. Trinta anos se passaram e ele não foi além de conselheiro titular (pp. 204 e 223)²¹. O copista trata seu chefe por “Sua Excelência”, indicando ser ele um ocupante das posições III ou IV, um homem, portanto, já portador do título de nobreza (p. 206). Dostoiévski revela ainda que Dievuchkin aceitava trabalho de copista fora da repartição para complementar o salário (p. 271). A trajetória de Makar Dievuchkin, portanto, é a típica trajetória do baixo funcionário oriundo dos setores mais pobres da população, ou seja, é um típico representante do que Lincoln chamou de “proletariado burocrático”²²: sem estudos, sem origem social importante, quase sem renda, desprovido de prestígio social, profundamente dependente da benevolência dos superiores para seguir vivendo. Para esses homens, a ascensão na carreira burocrática era quase impossível.

A descrição do senhor Goliadkin, o herói de *O duplo*, é ainda mais sucinta. Dostoiévski limita-se a identificá-lo como “funcionário numa repartição pública” (p. 287), um conselheiro titular (p. 376), que vive num pequeno quarto, cujas paredes são “cobertas de pó, de um verde sujo, defumadas” (p. 287) e que também trata seu chefe por “Sua Excelência” (p. 376). Goliadkin é um homem comum, “daqueles que passam despercebidos” (p. 287).

Por fim, temos também a sucinta descrição de Vássia, o terno jovem de *Coração frágil*. Vássia mora no quarto andar de um prédio comum, próximo ao telhado, junto com seu amigo (p. 527). Ganha pouco, mas consegue algo a mais em função da generosidade de seu chefe, a quem Vássia é extremamente grato. É também um copista e é elogiado pelo amigo por não ter ninguém em São Petersburgo com a letra tão bonita quanto a dele (p. 531).

[20] Escrever com caligrafia elegante não era apenas um capricho, mas uma necessidade a fim de se obter e benevolência do chefe. Segundo Lincoln, “para ter certeza que os chefes os chamariam para preparar importantes documentos, copistas ambiciosos [...] trabalhavam para fazer a sua escrita elegante, embelezavam os relatórios com desenhos e mesmo adicionavam gráficos pintados à mão. Mesmo a gradação da tinta era importante, e os superiores ordenavam com frequência os copistas, cujas tintas estavam muito fracas ou que falhavam em espaçar as linhas do texto com absoluta precisão, a copiar os documentos repetidas vezes” (op. cit., p. 23).

[21] Segundo Lincoln, o Estatuto do Servidor Civil de 1834 dividiu os funcionários em três categorias baseadas no nível de educação formal e para cada categoria havia uma escala própria de promoções por tempo de serviço. Para os oficiais da primeira categoria, os mais bem educados, exigia-se 24 anos para sair da posição 14 e chegar à posição 5; trinta anos para os da segunda categoria e para os da terceira categoria, os menos educados, 37 anos. No entanto, as promoções por tempo de serviço não eram garantidas, sendo muito árdua e demorada a ascensão na carreira (op. cit., pp. 14-15).

[22] *Ibidem*, pp. 13-14. “O número desses funcionários cresceu de 26.377 em 1850 [...] para 30.073 em 1857[...] Claramente, tais homens estavam na base da pirâmide do serviço civil e era raro para um deles ascender muito longe no quadro de posições” (*ibidem*, p. 13).

Resume-se a esse quadro a “descrição realista” das condições objetivas dos personagens nas três novelas analisadas. É tudo, e parece ser o suficiente. O que vem em seguida é a construção da “ação” dos personagens, a qual se apresenta sempre como uma “interação social” com indivíduos oriundos dos estratos sociais superiores. Ao descrever tais interações é como se Dostoiévski captasse o social em movimento, isto é, a exteriorização da posição social objetiva de Dievuchkin, Goliadkin e Vássia por meio de comportamentos observáveis em interações sociais concretas. Nessas novelas, a sociedade existe e se reproduz por meio de condutas humanas regulares. Dostoiévski parece perceber isso muito bem ao fazer, logo no início de *Coração frágil*, a seguinte afirmação: “seria natural que eu explicasse com exatidão a idade, hierarquia e profissão das pessoas em questão. Como, porém, a maior parte dos escritores começa por uma introdução desse gênero, preferi iniciar logo minha história pela ação [...]” (p. 527).

O HABITUS DO BAIXO FUNCIONÁRIO RUSSO:

A INTUIÇÃO SOCIOLÓGICA DE DOSTOIÉVSKI

Creio que seja possível sintetizar o *habitus* do baixo funcionário russo do século XIX em quatro traços recorrentes na personalidade social dos personagens das dessas três novelas: (i) primeiramente, todos eles são conscientes de sua insignificância social. A consciência de sua inferioridade, por sua vez, vem acompanhada do medo da maledicência, da valorização da própria honestidade e simplicidade em face dos trejeitos e das máscaras dos socialmente superiores, e, por fim, do receio da felicidade; (ii) em segundo lugar, esses funcionários sentem um profundo mal-estar quando são obrigados a interagir com pessoas de posição social superior. Dito de outra forma, a consciência da própria inferioridade é inseparável da consciência da superioridade do outro e, por conseguinte, de um *malaise* ante pessoas socialmente superiores; (iii) em terceiro lugar, o *habitus* do baixo funcionário manifesta-se também por meio de um sentimento de profunda dependência (material, mas não só) diante do superior, do chefe de repartição, que, de fato, freqüentemente age como um protetor. Esse sentimento de dependência, por sua vez, dá origem a um traço muito forte nesses personagens, que é o sentimento de gratidão exagerado; (iv) por fim, Dievuchkin, Goliadkin e, em menor medida, Vássia são profundamente conservadores, isto é, incorporam o sentimento de que respeitar a ordem das coisas é condizente com a mais estrita moralidade.

Esses traços característicos do *habitus* dos personagens, como se percebe, não são estanques nem estão meramente justapostos, mas, ao contrário, relacionam-se intimamente e alimentam-se reciprocamente: ter a consciência de sua própria insignificância implica, ao mesmo

tempo, reconhecer a maior importância do outro, sentir-se pouco à vontade na sua presença, pleitear a sua proteção, ser grato pela concessão e, por fim, refutar qualquer tentativa de desestabilizar a ordem dessa relação, ou seja, ver na ingratidão o mais horrível dos defeitos, como ocorre com Vássia, em *Coração frágil*.

A interiorização da inferioridade social

Que relação de poder pode ser mais eficiente do que aquela que conduz o dominado a tomar como sua a visão que o dominador tem dele? A sociedade russa do século XIX é profundamente hierarquizada, onde o sentimento de superioridade de uns caminha de mãos dadas com o sentimento de inferioridade de outros e com a resignação diante de tal situação.

Makar Dievuchkin, por exemplo, sente-se um nada, vive envergonhado de si, profundamente dependente da boa vontade dos outros, em geral tão pouco benevolentes. Às vezes, essa consciência de sua própria inferioridade é tão forte que nem sequer o abandona no momento do trabalho, quando está isolado na sua escrivaninha. A passagem a seguir é exemplar nesse sentido:

Esta manhã estava eu sentado na repartição, muito calado e absorto; foi assim que me pus a imaginar a minha própria figura e cheguei à conclusão de que parecia um pardal depenado... Acabei por ter vontade de morrer, de tão envergonhado que me sentia. Tinha vergonha, Várienka! É que mesmo sem querer uma pessoa perde a coragem quando sabe que pelos rasgões das mangas se lhe vêem os cotovelos e que os botões da jaqueta apenas estão presos por um fio (pp. 232-33).

Tanto Goliadkin como Vássia também se reconhecem como seres humildes, socialmente insignificantes e dependentes da benevolência dos chefes, ainda que neles tal reconhecimento não se dê de forma tão resignada como em Dievuchkin.

Porém, essa extrema humildade, fruto do reconhecimento da própria insignificância, vem acompanhada de outros sentimentos. Por exemplo, todos os três personagens têm pavor da maledicência e são bastante desconfiados, sempre temerosos de que estão a falar mal deles. Na visão de Dostoiévski, trata-se claramente de um *ethos* dos baixos funcionários, já que, nesse quesito, tudo parece ser muito diferente entre os indivíduos da classe alta. Neste caso, a maledicência é um fato corriqueiro porque muita coisa está em jogo. A vida da alta burguesia e da aristocracia urbana é, por definição, atribulada, repleta de interesses e ocorrências, onde a inveja dirige maledicências para todos os lados (vida amorosa, negócios, política), fazendo com que ela perca sua eficácia. Ao contrário, numa vida monótona, marcada

pela pobreza e pelo desprestígio social, a inveja pode fazer estragos muito maiores, pois afeta o único patrimônio de que dispõe o baixo funcionário, isto é, seu “patrimônio moral”. O conselheiro titular de *Pobre gente* vincula seu receio da maledicência claramente à sua condição de pobreza:

Nós os pobres somos duros... Foi a natureza que assim o quis, já o tinha observado antes disto tudo. O pobre é desconfiado, vê o mundo à sua maneira, olha de soslaio cada pessoa que passa, com receio, e apanha as palavras no ar... Estarão por acaso a falar dele? Acontecerá que estejam a comentar em voz baixa o seu mau. Ou a perguntar em que se ocupa? Quem sabe se não inquirirão também como é que ele se arranja, como é que consegue livrar-se de apuros? Todos nós sabemos, Varienka, que um homem pobre é menos do que um frangalho que, digam lá o que disserem, não merece a menor consideração. Porque, por mais que escrevam todos esses literatos, um homem pobre sempre é um pobre, com todas as suas conseqüências. E por que há de passar-se isso só com os pobres? Porque num homem pobre, por assim dizer, tudo deve vir e andar à superfície, nada pode guardar no íntimo da sua alma, nem sequer o orgulho ou qualquer outro sentimento parecido, pois isso não lho toleram (pp. 231-32, grifo nosso).

Dostoiévski sugere que o pobre não pode resguardar-se da maledicência porque não possui anteparos sociais que lhe possibilitem circular com desenvoltura perante os olhares perquiridores do outro. A um nobre ou a um capitalista, o prestígio, a riqueza e a influência funcionam como escudos que atenuam ou anulam o poder da maledicência. Afinal, o que lhes importa se falam mal deles se, ainda assim, todos dependem de sua boa vontade? Já o pobre, como diz o próprio Dievuchkin, expõe-se diretamente na superfície, sem proteção alguma, e, por isso, nele a maledicência produz efeitos devastadores, já que coloca em risco o seu “crédito” perante os superiores²³.

Em Goliadkin, esse medo da maledicência assume contornos patológicos. A figura do duplo, o sócia imaginário do senhor Goliadkin, cumpre um papel fundamental no sentido de acentuar esse medo até a exasperação. Como se sabe, a função literária do duplo consiste em expor de forma caricatural os traços negativos da personagem principal²⁴. O senhor Goliadkin é ele próprio um sujeito que não economiza comentários negativos contra seus colegas de repartição. A figura do duplo é ainda mais perversa quanto a esse aspecto e dirige toda a sua maldade contra o próprio senhor Goliadkin.

Em Vássia, o reconhecimento da própria insignificância social assume outra característica: Vássia tem um medo profundo de ser feliz. Para ser mais exato, o personagem de *Coração frágil* vê na própria felicidade uma injustiça com a qual não consegue conviver.

[23] A sensação de estar permanentemente sob observação leva Dievuchkin a fazer a seguinte generalização: “Toda criatura estranha é má, Varienka, sim, muito má; tão má que o nosso pobre coração não pode conter-se, tal é o ponto a que o próximo sabe martirizar uma pessoa com censuras, recriminações e olhares de desprezo” (p. 219).

[24] Frank, op. cit., pp. 392-394.

Acostumado a uma vida dura, a viver no último andar de um edifício desconfortável, a depender da boa vontade dos superiores, Vássia não entende por que, de repente, se vê presenteado com uma noiva a quem ama loucamente e com um chefe altamente generoso. Para usar uma expressão coloquial, ele parece pressentir que “algo está errado”, “que a esmola é grande demais”²⁵. Como veremos mais adiante, essa sensação, somada a um sentimento mórbido de gratidão, será a causa da loucura de Vássia.

Ao lado do medo da maledicência e da felicidade como estados de espírito decorrentes da consciência da própria insignificância social, o sentimento que talvez se expresse com mais contundência seja, paradoxalmente, um certo orgulho da própria situação.

Dievuchkin, por exemplo, acha-se satisfeito com sua vida modesta e calma, e isso porque não é um homem “que dê muita importância aos prazeres”. Assim, não se queixa e, “pelo contrário, sinto-me até muito contente” (p. 166). No entanto, essa satisfação com a própria condição, alerta Dievuchkin, não deve levar Varvara a pensar que ele seja “tão pacífico e tímido que uma mosca possa derrubar-me com suas asas. Não, minha filha, não sou assim tão insignificante e possuo precisamente as características dum homem que tem a consciência tranqüila, e aquela inteireza que nos empresta o sentimento do decoro próprio” (p. 167). O personagem reconhece que, apesar de seu trabalho ser humilde, ainda assim é “necessário” e “imprescindível”. Admite não redigir com elegância, não dominar a prosa, mas ainda assim a repartição não funcionaria sem suas cópias. Além disso, tem orgulho de ganhar o pão com o próprio trabalho “honradamente” e “legalmente” (pp. 205-206).

Temos aqui um caso explícito em que as “esperanças subjetivas” se adaptam às “probabilidades objetivas”²⁶. Valorizar a única coisa que lhe resta – a possibilidade de fazer o seu trabalho dentro dos limites da legalidade e da honradez – é uma questão de estabilidade psíquica. Desejar intimamente o que de modo objetivo está fora de nosso alcance é certamente fonte de sofrimento interior.

A resignação de Dievuchkin diante de suas condições de vida e da estabilidade psíquica que lhe corresponde é o que falta a Goliadkin, falta esta que produzirá conseqüências psicológicas dramáticas. É verdade, porém, que Goliadkin também sente orgulho de sua própria condição. Seu maior orgulho consiste em não ter que adotar o que ele considera a falsidade dos superiores, as máscaras que a vida em sociedade exige. O protagonista de *O duplo* não gosta da vida em sociedade:

Quando se faz vida de sociedade, tem de saber-se engraxar o chão... é uma obrigação, como é preciso fazer trocadilhos... e galanteios. É obrigatório... Ora, eu, eu nunca aprendi estas coisas [...]. Sou um homem simples,

[25] Segundo M. Dostoiévski, irmão do escritor russo, a felicidade nesses casos aparece como “um desvio ilícito do curso ordinário das coisas” (*Apud Frank. Pelo prisma russo*. São Paulo: Edusp, 1992, p. 412).

[26] Bourdieu, Pierre e Passeron, Jean Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992, p. 165, n. 24.

modesto, não fui feito para brilhar [...]. Não sou nenhum orador [...] desprezo a calúnia e a maledicência, não me agrada usar máscara [...]. Tenho mesmo um certo orgulho em não ter nada de notável, em ser uma pessoa vulgar (pp. 293-94).

Mas o drama de Goliadkin é que esse orgulho da própria condição não se traduz em simples resignação. O orgulho que sente de si mesmo é tão grande que gera nele esperanças subjetivas que não condizem com suas condições objetivas. A origem de todo o seu tormento psicológico parece estar, em grande parte, nessa contradição que ele não pode resolver²⁷. Goliadkin tenta o tempo todo ser quem não pode ser, procura inserir-se num espaço social no qual não sabe se locomover. Por essa razão é, com frequência, ridicularizado e humilhado; por essa razão, combina arrogância em face de seus pares e subserviência ante os superiores. Dievuchkin sente-se desconfortável na presença de superiores e, por isso, quer livrar-se dessa interação o mais rápido possível, voltar à sua vida calma e modesta, como ele mesmo diz; Goliadkin, ao contrário, almeja lá permanecer, mas não tem as habilidades sociais para tanto. Vejamos a seguir, como esse *malaise* social se desenvolve nos dois casos.

[27] Segundo Frank, Goliadkin “enlouquece de ambição ao mesmo tempo em que despreza totalmente a ambição [...]” (*Pelo prisma russo*, op. cit., p. 387).

O malaise social do baixo funcionário: resignação ou loucura

Em *Pobre gente* há uma passagem magistral em que Dostoiévski descreve o desconforto de Dievuchkin quando é obrigado a se relacionar com pessoas de uma posição social superior. Nesse caso apresentamos não apenas a vergonha e a timidez, mas o completo “embaraço corporal”. Essas passagens revelam a capacidade de Dostoiévski de perceber que um dado *habitus* não é apenas um conjunto de princípios mais ou menos vagos que orientam a conduta do indivíduo no mundo. Muito mais do que isso, trata-se de um “modo de existir”, um “molde corporal” que permite ao indivíduo inserir-se no seu mundo social, mas o impossibilita de caminhar por outros espaços sem tropeçar e, assim, sem denunciar a sua própria origem.

A passagem a que me refiro descreve um momento angustiante de Dievuchkin, que, em decorrência de problemas pessoais, perde a concentração no trabalho e comete vários erros nas suas cópias. Por essa razão, é chamado à presença de Sua Excelência para dar explicações. Segue-se a seguinte cena, relatada por carta a Varvara:

Fiquei rígido, como morto; já não sentia e fui até ao gabinete do ministro... Quero dizer, os meus pés é que me levaram porque eu, propriamente, estava mais morto do que vivo! Conduziram-me através de uma sala, depois doutra e doutra... até ao gabinete de Sua Excelência... Creio que nem sequer fiz uma reverência; esqueci-me de fazê-la. Estava tão emocionado que me tremiam

os lábios e as pernas. E não me faltava razão para isso, minha filha. Em primeiro lugar, porque sentia uma imensa vergonha, e depois porque ao voltar casualmente a vista, à direita, e ao ver-me num espelho, tive motivo mais do que suficiente para me deixar cair no chão. Acrescente-se a tudo isso que eu sempre tenho procurado conduzir-me de maneira como se não existisse, pelo que nem de longe poderia supor que Sua Excelência tivesse qualquer notícia acerca da minha pessoa (p. 262).

Sua Excelência reclama então dos disparates cometidos por Dievuchkin, dos erros na cópia, e exige uma explicação:

Abri a boca, mas não disse nada. Queria desculpar-me, pedir perdão, mas não podia. Sair a correr... Mas isso nem era possível pensar. De repente aconteceu uma coisa... alguma coisa, minha filha, que ainda agora mesmo me envergonho de contar... o meu botão... o diabo o leve... o meu botão, que estava apenas preso por um fio, caiu de repente [...], foi tombar sobre o chão e, a rolar, acabou por ir cair mesmo aos pés de Sua Excelência [...]. Foi essa a minha justificação, a minha desculpa, tudo quanto tive para dizer a Sua Excelência! As conseqüências não se fizeram esperar. Sua Excelência, logo a seguir, fixou-se atentamente no meu aspecto e no meu fato. Eu pensei que estava a ver-me no espelho... Com isto fica tudo dito... Então curvei-me para apanhar o botão e colocar outra vez no seu lugar aquele desertor inoportuno. Estava completamente atordoado! [...]. De maneira que estava assim a dar grandes provas da minha habilidade! Senti que me fugiam as últimas forças e que tudo estava perdido. Toda a dignidade desaparecera: a minha parte humana estava absolutamente aniquilada (pp. 262-63).

Desespero talvez seja o substantivo que mais se aproxima da situação descrita por Dievuchkin. Ele simplesmente não sabe o que fazer. E como poderia sabê-lo, se passou a vida conduzindo-se como se não existisse, isto é, fugindo sistematicamente do contato social? Dievuchkin, é claro, pode interagir com Sua Excelência desde que tal interação seja “unilateral”: Sua Excelência envia uma ordem, Dievuchkin a cumpre. Mas ele não tem as habilidades sociais necessárias para interagir face a face com Sua Excelência. Perante ele, simplesmente fica rígido, como morto, totalmente envergonhado. A cena do botão desprendendo-se do casaco pode ser atribuída a certa perversidade de Dostoiévski; Dievuchkin já estava morto bem antes disso; a queda do botão simplesmente aniquila qualquer possibilidade de ressurreição perante o superior. É assim, portanto, que Dievuchkin, como ele próprio reconhece ironicamente, deu provas à Sua Excelência de sua habilidade.

O desconforto de Goliadkin, por sua vez, é da mesma natureza, mas exterioriza-se de outra maneira. O personagem de *O duplo*, como já observamos, não é muito conformado com a própria situação. Gos-taria de deixar sua condição social e inserir-se no grande mundo da vida aristocrática. Dessa ambição resulta uma tensão psicológica dramática. A novela *O duplo* inicia dando notícias das pretensões de nobreza de Goliadkin. Sabemos de saída que ele tem um criado, Pietruchka. Como pretende visitar um funcionário superior, chama um coche e exige que o criado vista uma libré²⁸. O resultado é catastrófico, ainda que o próprio Goliadkin não o perceba:

[28] Como lembra Joseph Frank, Goliadkin não se encontra na mesma situação material que Dievuchkin, já que tem apartamento próprio e dinheiro para contratar um criado (cf. Frank, *Dostoiévski: as sementes da revolta*, op. cit., p. 387). No entanto, o fato de ter uma situação material mais confortável por si só não permite a Goliadkin escapar de sua posição social de baixo funcionário e do estigma a ela vinculado. A distinção social na sociedade aristocrática não é predominantemente econômica, como no capitalismo moderno, mas baseia-se em grande parte em distinções de *status* e prestígio.

Já com a libré vestida, Pietruchka, com um sorriso mal dissimulado, entrou no quarto do patrão. Tinha um aspecto estranho. A libré era verde, já muito gasta, com galões dourados e parecia feita para alguém que tivesse mais setenta centímetros de altura do que Pietruchka. Segurava na mão um chapéu também guarnecido de galões e de plumas e da cinta pendia-lhe uma espada metida numa bainha de couro. Para completar o conjunto, Pietruchka, que primava por ser descuidado, estava descalço.

O sr. Goliadkin examinou Pietruchka por todos os lados e pareceu satisfeito (pp. 288-89).

Salta aos olhos que Goliadkin usa um aparato social que não é típico de sua posição e por isso não tem condições de avaliar quão inadequado ele se apresenta. A condição puída da libré, o fato de ser grande demais para o criado, de este estar descalço e, sobretudo, o fato de Goliadkin sentir-se satisfeito com o que vê revelam que o baixo funcionário, apesar de ter condições financeiras para contratar um criado, alugar um coche e uma libré, continua sendo um baixo funcionário.

O desencaixe entre a posição social do personagem e suas pretensões aparecem ainda em duas outras passagens, nas quais Goliadkin, ao andar de coche com o criado de libré pelas ruas de São Petersburgo, cruza primeiramente com seus amigos de repartição e, depois, com o seu chefe. Vale a pena citá-las na íntegra:

Na esquina da Avenida Litiéinaia para a perspectiva Niévski, estremeceu e faz uma cara aborrecida, como de alguém a quem tivesse pisado no calo. Instantaneamente e com ar receoso, encafuou-se no lugar mais escondido da carruagem. É que tinha acabado de passar por dois colegas, dois jovens funcionários da repartição em que trabalhava. Por seu lado, eles — o sr. Goliadkin bem o vira — ficaram também muito admirados ao encontrarem o colega em semelhante coche. Um deles havia mesmo apontado o dedo em direção ao sr. Goliadkin. Este convenceu-se também que o outro o chamava em voz alta pelo seu nome. Ora, isto em plena rua era deselegante... O sr. Goliadkin

fez de conta que nada viu e não respondeu. “Imbecis!... murmurou consigo mesmo – Sim, o que tem isto de extraordinário? Uma pessoa andar de coche... Pode-se ter necessidade de tomar um coche, ora que coisa!” (p. 290).

O sr. Goliadkin não acabou... Estacara petrificado: um coche aberto, puxado por uma bela parrelha de cavalos que ele muito bem conhecia, ultrapassou rapidamente o seu pela direita. O homem que ia sentado deu por acaso com os olhos no rosto do senhor Goliadkin que imprudentemente espreitava pela janela. O outro inclinou-se o quanto pôde, e com um ar admirado e curioso olhou para o interior do veículo onde o sr. Goliadkin se tinha escondido à pressa. O tal senhor do carro aberto era nem mais nem menos que Andrei Filipovitch, chefe de departamento na repartição em que o sr. Goliadkin era amanuense. Certo de que tinha sido reconhecido por Andrei Filipovitch, que o olhava cheio de espanto, não tentou sequer esconder-se, corando até às orelhas. “Devo cumprimentar ou não? Dou-me a conhecer ou faço de conta que não sou eu?” — dialoga consigo próprio o nosso herói, terrivelmente perplexo. “Será melhor fazer de conta que não sou eu mas alguém que se parece muito comigo, e não fazer caso. É isso, não sou eu, é o mais fácil”. Então Goliadkin mostrou-se a Andrei Filipovitch e olhou-o bem de frente: “Não meu caro — murmurou para si. — Não sou eu... Andrei Filipovitch, estás enganado, não sou eu, não senhor...”. “Foi um disparate não ter cumprimentado — pensava ele muito atrapalhado. — Devia ter-me mostrado natural, ter tomado o ar superior e desempoeirado, próprio das pessoas duma certa condição... Não tem que admirar-te, Andrei Filipovitch, fui muito simplesmente a um jantar” (pp. 290-91).

As duas passagens, assim apresentadas, uma na seqüência da outra, tal como na novela, produzem um impacto genial. Ambas apontam para a inadequação da figura social de Goliadkin em relação à situação em que se encontra. Um amanuense dentro de um coche e com um criado de libré afigura-se a todos como cena estranhíssima. No entanto, a reação é diferente para cada caso. Perante seus iguais (socialmente iguais, pois a personalidade arrogante de Goliadkin o leva sempre a se considerar superior), ele fica apenas “aborrecido”, pois presente a ironia de que será alvo por parte dos colegas de repartição, admirados em ver aquela cena insólita.

Diante do chefe, porém, o embarço é de outra natureza. Trata-se da falta de jeito para se locomover dentro de uma condição social que não é a sua. Goliadkin sabia que deveria ter se mostrado “natural”, como se fosse pessoa de uma dada “condição”. Mas Goliadkin não pertence a essa condição e por isso se mostra incapaz de manusear o aparato que está usando naquele momento. Não só a libré é puída e grande demais, como também Goliadkin está “imprudentemente” espreitando pela janela. Como que pego fazendo algo que sua condição não permite

(sair de coche, com criado, e de forma tão grotesca!), Goliadkin não fica apenas aborrecido, mas petrificado, cora até as orelhas, esconde-se às pressas, fica terrivelmente perplexo. Tortura-se com pensamentos acerca do que “deveria fazer”. Se soubesse o que fazer, isto é, se tivesse o *habitus* adequado àquela situação, teria se comportado da maneira correta automaticamente. Morto de vergonha, nega a si próprio, opta por uma saída impossível, que consiste em dizer ao chefe que ele não viu o que viu. A mentira absurda parece ser mais suportável do que o embaraço causado por ter sido pego fora do seu lugar social.

Ao conjugar essas duas passagens, Dostoiévski mostra toda a sua perspicácia em captar as dificuldades que um indivíduo tem para transitar entre o seu meio social, com o qual está acostumado, e outro totalmente diferente, cujos códigos de conduta ele não domina. Desde as condições do uniforme do criado, passando pelas dúvidas de Goliadkin sobre como reagir e chegando até a sua autonegação, tudo denuncia que o conselheiro titular de *O duplo* é, neste momento, um peixe fora d'água.

A situação constrangedora (e é impossível ao leitor não sentir tal constrangimento) repete-se por ocasião da visita que Goliadkin tenta fazer a Olsuf Ivanovitch, alto funcionário do Estado, e na qual procura se aproximar imprudentemente da filha de outro importante nome da burocracia czarista. O conselheiro titular tenta, assim, mais uma vez inserir-se num espaço ao qual não pertence. Goliadkin procura o quase impossível, isto é, “ficar ali, como qualquer outra pessoa, com a maior naturalidade” (p. 310), sofrendo, no entanto, uma série de humilhações insuportáveis. O que o conselheiro titular não percebe é que a “sua” naturalidade não condiz com a naturalidade “deles”. Ao não ser tão resignado como Dievuchkin, Goliadkin arma para si uma armadilha psicológica fundada na permanente humilhação. Esta ambigüidade entre um desejo subjetivo e as possibilidades objetivas de realização produz sérias tensões psicológicas. No caso de Goliadkin, o aparecimento do “duplo” e os delírios que se seguem, delírios cada vez mais intensos, expressam, a meu ver, a loucura como um destino provável para aqueles que buscam fugir das rígidas hierarquias de uma sociedade aristocrática²⁹. Esse desejo — entrar numa classe superior — e a impossibilidade/incapacidade pessoal de realizá-lo aparecem no final da novela expressamente como um delírio.

Goliadkin, na sua imaginação, recebe uma carta da filha do alto funcionário de quem tentara se aproximar. Nesta carta, a remetente lhe pede que fuja com ela e Goliadkin reage a esse pedido imaginário com muito medo. Ele não se vê à altura da missão, incapaz de dar a ela as condições de vida com as quais estava acostumada. Repreende mentalmente a atitude da menina, de querer fugir, de querer desobedecer aos pais, de ler livros franceses que incutiram nela idéias tão

[29] O que, certamente, não é uma percepção exclusiva de Dostoiévski nem um fato restrito aos que ocupam as posições sociais mais baixas, como exemplifica o destino trágico de Anna Karenina. A esse respeito, ver também Schnaiderman, Boris. *Dostoiévski: prosa e poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 103, e Frank, *Pelo prisma russo*, op. cit., p. 394.

disparatadas (pp. 380-81). Quando aguarda por ela em frente de sua casa, começa a viver o delírio da aceitação social. Na sua imaginação, é recebido na casa do Ministro, onde todos querem falar com ele. Nesse momento, todos os antigos inimigos imaginários parecem assumir um ar de grande benevolência. Tudo termina, porém, quando seu médico chega e o conduz ao sanatório (pp. 383-87).

O duplo constitui-se, assim, numa das mais contundentes novelas sobre os efeitos psicológicos que a vida social pode causar sobre a mente humana; uma síntese impressionante da contradição insuperável e psicologicamente torturante entre, de um lado, a interiorização da própria insignificância e, de outro, o desejo e a incapacidade de superá-la³⁰.

Dependência, subserviência e gratidão

Para os baixos funcionários russos, no entanto, o chefe, Sua Excelência, não é apenas motivo de medo e mal-estar, mas também fonte de esperança e proteção. Dievuchkin, Goliadkin e Vássia vêem nos seus respectivos chefes não um funcionário superior, mas um protetor, um pai. Não se trata, porém, de apenas desejar que o chefe seja um protetor. Mais do que isso, *espera-se* que o chefe adote tal atitude, pois estamos em uma sociedade cuja legitimidade se baseia na tradição da superioridade aristocrática e não no predomínio do mérito burocrático. Ser benevolente, nesses casos, não é um traço de personalidade individual, mas um dever social em face dos inferiores. Como vimos, os funcionários graduados na Rússia do século XIX não são superiores em função de sua competência técnica, mas sim em função de sua origem social e de sua proximidade com o Czar, pai de todos os russos; os funcionários graduados são seus representantes diretos no trato com os que ocupam as posições mais baixas na hierarquia funcional. Como conseqüência, o que se espera como comportamento social adequado dos inferiores é a subserviência e a gratidão.

Numa outra cena, apresentada logo após aquela em que Makar Dievuchkin sente-se socialmente esmagado perante Sua Excelência, um funcionário, que presenciara a situação constrangedora, decide defendê-lo dizendo ao chefe que, apesar do erro, o conselheiro titular sempre tivera “conduta irrepreensível”, “exemplar” e que, por isso, “merece aquilo que ganha”. Em seguida, penalizado, Sua Excelência resolve dar a Dievuchkin cem rublos: “Olhe, isto é tudo o que posso... aceite” (p. 263). Eis a reação do protagonista de *Pobre gente*: “Tentei pegar-lhe na mão para beijá-la, mas ele ruborizou-se [...] ele pegou na minha mão indigna, apertou-a, sim, pegou nela simplesmente e apertou-ma tal qual como se fosse a mão dum seu igual, de alguma pessoa altamente colocada, como ele” (p. 263). Dievuchkin pede a Varienka que, de agora em diante, reze também por Sua Excelência, e continua:

[30] O desejo de pertencer a outra classe social expressa-se também por meio da relação benevolente que, inicialmente, o senhor Goliadkin estabelece com o seu sócia imaginário. Nesse momento da novela, o sócia, pobre e humilde, pede a proteção do Sr. Goliadkin. Por essa razão, este fica de excelente humor, pois “ele próprio dispensara a sua proteção a outrem e tinha assim praticado uma boa ação” (p. 329). Deixar de ser protegido para proteger seria um sinal de transição de uma posição social mais baixa à outra, mais elevada.

[...] estes cem rublos não têm para mim tanto valor como esse gesto de Sua Excelência ao estender-me a mim a sua mão, a mim, o bêbado, o pior entre os piores, ao dignar-se estreitar esta minha indigna mão! [...] por muito pecador que eu seja perante os olhos do Todo-Poderoso... as minhas preces pela felicidade e prosperidade de Sua Excelência hão de chegar até ao trono de Deus e ser ouvidas... (p. 264).

Mais do que extremamente agradecido, Dievuchkin torna-se fiel à Sua Excelência. Ao dizer à Varienka que irá se comportar, ele afirma: “Prometo fazer-lhe tudo o que quiser. Daqui por diante comportar-me-ei decente e dignamente, pois, quando mais não fosse, pelo menos havia de ser por atenção para com Sua Excelência” (p. 265).

No texto original da novela, as duas passagens — a do embaraço social e a da gratidão — são apresentadas na mesma seqüência e produzem o efeito de mostrar como esses dois sentimentos são inseparáveis na personalidade social do baixo funcionário russo. O reconhecimento da própria insignificância, que se expressa por meio da paralisia corporal e do comportamento estabonado de Dievuchkin diante do chefe, vem acompanhado do sentimento de compaixão por parte de Sua Excelência e da imediata gratidão por parte daquele que recebe sua graça. Dievuchkin, um ser socialmente invisível, sente-se imensamente grato por ser alvo de atenção e compaixão de um superior. Não se trata de um fato isolado. Sua Excelência não faz de Dievuchkin o único alvo de sua generosidade, mas esta é distribuída para todos os funcionários da repartição e mesmo para alguns desafortunados que não habitam o mesmo local de serviço. Todos, como relata Dievuchkin, são imensamente gratos à Sua Excelência. Isso sugere que tais comportamentos não podem ser explicados como traços de bondade individual, mas sim como a consequência de desigualdades “naturais”, em função das quais uns nasceram para mandar e outros, para obedecer.

A gratidão fomenta o sentimento de fidelidade pessoal ao chefe. Quando Dievuchkin relata na repartição a ajuda monetária que recebeu de Sua Excelência e como, com ela, comprou botas novas, isso provoca risos e pilhérias por parte de seus colegas. Ao comentar sobre esse episódio, Dievuchkin diz a Varvara que imaginava ser ele o alvo da ironia e não Sua Excelência, pois para ele seria impensável que os outros pudessem rir do chefe: “de maneira alguma seria possível que lhes passasse pela cabeça rirem-se de Sua Excelência” (p. 266). Sacralizada, por assim dizer, a figura do chefe, o escárnio dirigido a ela seria uma espécie de sacrilégio.

Em *O duplo*, o sentimento de gratidão não aparece com tanta ênfase, em grande parte porque a arrogância patológica de Goliadkin, além de sua mania de perseguição, leva-o a desenvolver uma visão muito negativa de todos que o cercam. No entanto, quando o sócia imaginário

de Goliadkin aparece e, depois de uma relação inicialmente amigável, começa a armar situações constrangedoras, a promover traições e a tomar para si os louros que supostamente deveriam ser de Goliadkin, este sente-se muito ressentido pela proximidade que o seu sócia consegue estabelecer com Sua Excelência e por receber elogios imerecidos, elogios que deveriam ser destinados a ele, Goliadkin (p. 336).

Depois de ser ludibriado pelo sócia, Goliadkin resolve procurar o chefe da repartição para denunciar seu inimigo imaginário. No entanto, fica em dúvida se deve fazê-lo, teme ser injusto, procura encontrar qualidades no seu sócia, lembra que este fora pobre e sofrera muito, que era digno de dó e, por fim, conclui: “A caridade manda protegê-lo. Não há dúvida nenhuma... Se os chefes pensassem como eu, seriam bons chefes” (p. 342). A proteção é um atributo do bom chefe; o chefe ruim, aquele que não cumpre sua função, é exatamente o chefe que não protege os necessitados.

Numa de suas idas à repartição, Goliadkin, vítima mais uma vez de um delírio de sua imaginação, vê-se diante de seu duplo e vive a fantasia torturante de ser ostensivamente ridicularizado perante todos os seus colegas (p. 361). Resolve, então, enchendo-se de coragem, procurar o chefe de repartição, Andrei Filípovitch, perguntando a ele se poderia falar com Sua Excelência. O chefe da repartição recusa enfaticamente (“Claro que não pode”). Goliadkin procura explicar suas razões, quer resguardar sua honra e pôr fim às ofensas feitas pelo seu sócia imaginário. Diz ele: “Eu quero ver no meu chefe um pai” (p. 361). Tendo sido repudiado pelo chefe de repartição, busca outro funcionário mais graduado, que lhe faz várias reprimendas quanto ao seu comportamento diante de pessoas que merecem respeito e não devem ser acusadas injustamente. Goliadkin se defende: “Eu não sou herético [...]. Eu não sou um libertino. Pelo contrário. Um chefe bondoso é para mim como um pai” (p. 362). A conjugação, feita por Dostoiévski, entre desrespeito ao superior, heresia e libertinagem fala por si mesma.

No entanto, entre os personagens das três novelas analisadas, ninguém é mais grato do que o simpático Vássia Chumkov, de *Coração frágil*. Vássia, como vimos, é mais um humilde copista de uma repartição pública. Vive um momento de grande felicidade, pois conheceu Lisa, por quem se apaixonou e com quem pretende se casar. Ao mesmo tempo, tem um chefe extremamente generoso, de quem depende para ganhar algumas rendas extras e, com elas, viabilizar o casamento. Vássia tem apenas um problema: precisa terminar com certa urgência uma cópia extensa de documentos. Toda a novela gira em torno da tensão entre, de um lado, a felicidade do personagem por ter achado a mulher de sua vida e por ter um chefe generoso e, de outro, o tormento de ter que entregar um trabalho com urgência.

A relação de dependência material e gratidão ao chefe e a importância disso para que Vássia possa viabilizar seus planos sentimentais ficam evidentes logo no início da história. Conversando com o amigo e companheiro de quarto, Arkadi Ivanovitch, Vássia avalia a possibilidade de ter uma boa vida com Lisa. Diz ao amigo que, apesar de ganhar apenas trezentos rublos por ano, consegue, com as caridades do chefe da repartição, Iulian Mostakóvitch, fazer até setecentos rublos. O amigo pondera que, se é verdade que o chefe é o protetor de Vássia, seria temerário se casar dependendo apenas de sua boa vontade. Lembra a Vássia que há também o risco da demissão, ao que ele responde:

[...] por que havia ele de despedir-me [...]. Eu procuro fazer-lhe os trabalhos com pontualidade e o melhor que posso, e ele é tão bom para mim, Arkacha... Olha, ainda hoje me deu cinqüenta rublos! [...]. Foi do seu próprio bolso. Disse-me: "Olha, rapaz, há cinco meses que não recibes nada. Se precisas de alguma coisa, diz, pois eu estou muito contente contigo. E não quero que trabalhes para mim de graça!" Disse-me assim mesmo. Eu até chorei, Arkacha (pp. 531-32).

Dias depois, quando o problema de cumprir a tarefa prometida a Iulian Mostakóvitch se torna mais grave e premente, Arkadi sugere que ele próprio compareça à repartição no lugar de Vássia, para que este fique em casa trabalhando. Vássia, no entanto, mostra-se receoso, pois teme que seu protetor perceba sua ausência: "Com os outros não me importo, mas com Iulian Mostakóvitch... É o meu protetor, Arkacha, e se percebe que outra pessoa..." (p. 542). Arkadi revela, então, sua preocupação com a fisionomia de Vássia, que responde: "não tenho nada. Sinto-me apenas um pouco triste [...], embora não possa precisar a razão da minha tristeza" (p. 543). A tristeza de Vássia, que começa a se pronunciar neste momento para, depois, assumir traços patológicos, deixa seu amigo indignado. Arkadi comenta que atrasar o serviço não é nenhum crime (p. 543). Vássia responde de forma dramática: "Eu nunca fui ingrato [...] mas quando não consigo exprimir o que sinto é como se... como se pudessem julgar que eu sou efetivamente um ingrato, e isso dá cabo de mim" (pp. 543-44). Arkadi percebe claramente que para Vássia é um tormento o simples pensamento de ouvir alguma admoestação de seu protetor (p. 550).

Não há dúvidas de que a gratidão é uma virtude valorizada nas mais diversas sociedades humanas. No entanto, em sociedades altamente racionalizadas, como o capitalismo moderno, muito mais forte é a ideologia em que o sucesso que se pode atingir (ou o fracasso) é interpretado sempre como fruto do mérito (ou demérito) pessoal. Nesse tipo de sociedade, o par generosidade/gratidão é atribuído à índole pessoal. Ao contrário, em sociedades rígida e formalmente divididas

entre homens inferiores e superiores, aqueles que ocupam as posições mais baixas da pirâmide social só podem obter mais do que o seu lugar social lhes destina graças à benevolência dos que ocupam as posições superiores. É por essa benevolência que eles podem conseguir um emprego melhor, um bônus financeiro ou um tratamento preferencial, sem que isso implique ascender socialmente. Nesses casos, a gratidão é um *dever* social. Não cumpri-lo implica não somente em ver suprimida qualquer possibilidade de melhorar a própria vida, como também em ser estigmatizado como alguém não merecedor da confiança dos superiores. Por isso Vássia sofre tanto.

Sentir-se impossibilitado de expressar toda a gratidão pela felicidade que obteve do destino — encontrar Lisa e ser tão feliz quando tantos de sua mesma classe são infelizes —, somado ao extremo desconforto por não conseguir atender às expectativas que o chefe generoso supostamente tem em relação ao cumprimento de sua obrigação, acabam por levar Vássia à loucura. A novela termina tragicamente, com o personagem sendo internado num manicômio.

A ideologia do baixo funcionário: o conservadorismo

Parte integrante desse sentimento de gratidão, sentimento esse socialmente obrigatório, é a recusa a qualquer forma de conduta e pensamento que possa pôr em dúvida a validade da ordem social. Nada mais reprovável, no caso dos baixos funcionários, do que ser um “livre pensador”. Critica-se esse tipo de comportamento, e mais do que isso, os personagens têm um medo profundo de que suas opiniões, quando manifestadas, possam ser interpretadas como uma crítica à “ordem natural das coisas”.

No caso de Makar Dievuchkin, trata-se de um homem que não se queixa, pelo contrário, sente-se muito contente. Tem orgulho de ser “uma pessoa que se cala”, “um homem modesto”, “um bom rapaz”. Sente-se muito bem com o fato de Sua Excelência estar muito satisfeito com ele (pp. 166, 205-6). A síntese de seu conservadorismo encontra-se em outra carta que escreve a Varvara:

Permita-lhe que lhe diga que a todos os homens se lhe afigura que devem a Deus a sua condição social. Uns julgam que nasceram para exhibir as dragonas de general, outros, para ser literatos; àquele parece-lhe que nasceu para mandar, a este outro para obedecer sem tugir nem mugir. Esta é a realidade e isto corresponde às faculdades humanas. Este tem aptidão para uma coisa e aquele para outra; mas essas aptidões é Deus que as concede.

Eu tenho já trinta anos de serviço, cumpro escrupulosamente o meu dever, procuro ser sempre modesto e nunca incorri em qualquer falta [...]. Os meus superiores estimam-me e até Sua Excelência está contente comigo... Te-

nho um tipo de letra agradável, nem muito grande nem muito pequena, mais próxima do cursivo, mas em todo caso muito satisfatória. Criei cabelos brancos no serviço. Julgo que não cometi jamais qualquer falta grave [...] não me pesa na consciência nenhum delito grave, nem sequer um ato consciente de revolta... como seja ter perturbado a tranqüilidade pública ou qualquer coisa do gênero... nunca tiveram que repreender-me por coisas assim. Pelo contrário, concederam-me até uma pequena cruz (p. 223, grifos nossos).

O que poderíamos acrescentar a essa passagem exemplar? Nela encontramos, ao mesmo tempo, a divinização da ordem social, a afirmação de que as posições sociais ocupadas pelas pessoas correspondem adequadamente às suas faculdades e, por fim, a ausência de “um ato consciente de revolta”. Ora, a revolta seria algo absolutamente desprovido de sentido dentro dessa visão de mundo, seria como revoltar-se contra as marés ou as fases da lua. Mas a revolta não está ausente apenas pela sua ineficácia; ela sequer habita a consciência do personagem. Não se trata, portanto, de não se revoltar por medo das retaliações, mas sim de não se revoltar por repudiar intimamente uma conduta dessa natureza. À Sua Excelência devemos obedecer não por medo de reprimendas, mas porque ele tem o direito (divino) de mandar. O conservadorismo do baixo funcionário expressa, assim, não temor, mas legitimidade.

É verdade que em poucas ocasiões Dievuchkin desenvolve alguma curiosidade sobre o mundo e a vida dos superiores. Encanta-se com as carruagens, os apartamentos e as lojas na rua Gorokhovaia. Encanta-se ainda mais com as damas das classes altas: “Deve ser uma estranha sensação essa de ter um dia na vida a oportunidade de ver uma grande dama; acho que deve ser uma coisa muito agradável. Eu nunca vi nenhuma, de perto; apenas as tenho visto assim, quando passam nos seus coches” (p. 253). Essa curiosidade o faz indagar sobre as razões que levam alguns a serem condenados à infelicidade e outros, à felicidade. No entanto, imediatamente reconhece que esses são pensamentos de um “livre-pensador” e conclui: “É assim a vida” (p. 254)³¹.

Em *O duplo* o problema aparece de forma menos contundente. Numa certa altura, o senhor Goliadkin recebe uma carta imaginária, remetida por um antigo amigo seu. Nesta carta ele seria atacado por desrespeitar pessoas ilibadas, entre elas o seu sócia. Ao responder, Goliadkin afirma que é o seu sócia quem pretende ocupar o lugar dele, Goliadkin, e que “tais atos são proibidos pela lei. E é bem feito, pois cada um deve contentar-se com o lugar que ocupa... Não tenho dúvidas em afirmar... que as idéias que acabo de expor, sobre o dever de cada um ocupar o seu lugar, estão de acordo com a mais estrita moralidade” (p. 351). Na verdade, os sentimentos do duplo, como já observou um analista, expressam de forma caricatural e exagerada os sentimentos daquele que é copiado. Na verdade, é o senhor Go-

[31] Em Joseph Frank encontramos o mesmo tipo de interpretação com relação ao conservadorismo de Dievuchkin e seus laivos de rebeldia (cf. Frank, *Dostoiévski: as sementes da revolta*, op. cit., pp. 190-91 e 196).

liadkin que deseja ter aquilo que não pode ter. É ele, portanto, que ataca a mais estrita moralidade, segundo a qual cada um deve ficar no seu lugar. A ambição e as artimanhas do sócia são, na verdade, a ambição e as artimanhas do próprio senhor Goliadkin para escapar de sua posição social. A tensão psicológica, então, instaura-se na mente do personagem. Como Dievuchkin, ele crê na mais estrita moralidade, mas ao romper com ela (sem sucesso) Goliadkin paga um alto preço por isso: o ridículo, a humilhação e, por fim, a loucura.

CONCLUSÃO

Eis como, a meu ver, a sociedade se faz presente nas três novelas de Dostoiévski. Não se trata de uma descrição realista do contexto social, econômico e político, nem de uma caracterização objetivante (Bakhtin) dos personagens. Dostoiévski não se perde em descrições longuíssimas, *à la* Flaubert, do entorno, da casa e da indumentária. Aqui, não encontramos a sociedade nas coisas, mas nas interações sociais. Os três personagens, parafraseando Durkheim, são a sociedade encarnada e singularizada em suas consciências individuais. É por meio de suas condutas que essa sociedade se reproduz. Dostoiévski, portanto, consegue capturar a sociedade em ação, identificando o seu peso “coercitivo” não por meio de descrições abstratas da morfologia social russa, mas analisando e descrevendo o comportamento de Dievuchkin, Goliadkin e Vássia em interações sociais concretas. É a isso que chamo intuição sociológica de Dostoiévski, cuja expressão artística acaba sendo inevitavelmente ocultada pelas pretensões analíticas deste texto. Evidentemente, Dostoiévski não “analisa” seus personagens, mas os constrói de maneira tal que as determinações sociais de suas ações saltam aos olhos do leitor “naturalmente”, isto é, à medida que o enredo se desenvolve.

Muito já se disse sobre como o sociólogo pode encontrar na literatura informações importantes sobre uma determinada época. Creio, entretanto, que Dostoiévski fornece algo mais do que isso. As três novelas aqui analisadas constituem uma espécie de “etnografia fictícia”, na qual são apresentadas as categorias mentais que esses personagens mobilizam para se locomover no mundo e se relacionar com outros atores sociais. Seria, portanto, um total equívoco dizer que não existe a sociedade em Dostoiévski. A sociedade lá está na única forma pela qual ela pode existir de fato, isto é, por meio de interações entre “indivíduos” que ocupam posições sociais radicalmente distintas, mas inescapavelmente ligadas umas a outras.

RENATO M. PERISSINOTTO é professor doutor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná, co-editor da *Revista de Sociologia e Política* e pesquisador do CNPq.

Recebido para publicação
em 2 de fevereiro de 2009.

NOVOS ESTUDOS

CEBRAP

84, julho 2009

pp. 237-258
